

Aprovada na 1055ª sessão

ALADI/CR/Ata 1044
(Extraordinária)
6 de julho de 2009
Horário: 11h às 11h55m

ATA DA 1044ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Ministro das Relações Exteriores do Chile, Excelentíssimo senhor Mariano Fernández Amunátegui.

Preside:

REGIS PERCY ARSLANIAN

Assistem: Juan Carlos Olima, Guillermo Daniel Raimondi e Beatriz Vivas de Lezica (Argentina); Salvador Ric Riera e Jenny Encinas (Bolívia); Regis Percy Arslanian e José Humberto de Brito Cruz (Brasil); Eduardo Araya Alemparte, Camilo Marcelo Navarro Ceardi e Hernán Enrique Nuñez Montenegro (Chile); Cielo González Villa (Colômbia); Marielena Ruíz Capote (Cuba); Edmundo Vera Manzo e Andrés Terán Parral (Equador); Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández e Ricardo Lozada Caballero (México), Octavio Ferreira Gini (Paraguai); Jorge Antonio Rosado La Torre e Ricardo B. Romero Magni (Peru); Gonzalo Rodríguez Gigena, Raquel María Rodríguez Sanguinetti e Luján Barceló (Uruguai); Franklin Ramón González e Luisa López Moreno (Venezuela); Michel Coquoz (Suíça); John Biehl del Río (OEA); Norberto Ianelli (SEGIB).

Secretário-Geral a.i.: Oscar Quina Truffa.

Subsecretário: Ricardo Hartstein.

PRESIDENTE. Iniciamos a 1044ª Sessão Extraordinária do Comitê de Representantes para receber a visita do Excelentíssimo senhor Ministro das Relações Exteriores da República do Chile, o senhor Mariano Fernández.

Não poderia deixar de dizer, Chanceler, que há uns minutos sou o Presidente do Comitê de Representantes. Então, para mim, é uma honra poder recebê-lo como primeira tarefa como Presidente do Comitê de Representantes. Isso mostra, como se diz no Brasil, que terei muita sorte até dezembro, quando termina a Presidência do Comitê de Representantes. Começar minha Presidência com o Chanceler do Chile é uma grande honra, e agradeço muito por sua visita à ALADI.

Dizia há pouco, em breves palavras quando assumi a Presidência, que a ALADI está em um momento de uma verdadeira encruzilhada. Ou seja, como poderoso instrumento de integração que é a ALADI, temos a capacidade de poder seguir nossos objetivos, porque todos temos os mesmos objetivos: a integração, a aproximação entre nossos países, uma maior cooperação; às vezes temos perspectivas diferentes, mas o objetivo de todos nós é o mesmo.

Agora, com as três soluções que conseguimos na última reunião do Conselho de Ministros há dois meses e com o estabelecimento da Conferência de Avaliação e Convergência, que vai começar a implementar, justamente, os lineamentos e as diretrizes decididos pelo Conselho, penso que temos a possibilidade de mostrar algo palpável, algo concreto, para a integração.

Embora não seja muito ambicioso, pelo menos é um passo. Acredito que deveríamos tentar conseguir isso na próxima Conferência; e o papel do Chile é importante, penso. O Chile foi um país que soube construir uma competitividade imensa, em termos econômicos, em termos comerciais e por todos os acordos de livre comércio que o Chile fez com uma gama enorme de países.

Hoje o Chile tem uma inserção muito dinâmica na economia mundial, na economia internacional. Nem por isso o Chile descuidou da sua inserção também a nível regional. Penso que isso é digno de mérito, muito patente, e a contribuição positiva aos nossos trabalhos, dada pelo Chile, inclusive por meio de sua Representação aqui, com o Embaixador Araya, deve ser muito elogiada, pois busca esta inserção regional mais dinâmica do Chile e de todos nós.

A ALADI é uma organização econômica, é uma organização comercial. Começamos a trabalhar sobre um pilar social há pouco tempo, justamente há um ano, aproximadamente, quando houve a outra reunião do Conselho, e estamos justamente tentando valorizar a agenda de trabalho da ALADI com este pilar social, e, como dizia, a Conferência será crucial para dar esta nova vertente da agenda de trabalho da ALADI.

Não estamos aqui para escutar-me, mas sim para escutar o senhor, Chanceler. Gostaria de agradecer mais uma vez em nome de todos por sua presença, por sua visita, pois isso nos estimula. É uma honra tê-lo aqui.

Muito obrigado, Chanceler.

Ainda estou aprendendo os procedimentos, Chanceler, mas agora o Secretário-Geral, que é o Subsecretário Quina, tem a palavra.

SECRETÁRIO-GERAL a.i. Obrigado, Presidente.

Excelentíssimo senhor Ministro das Relações Exteriores do Chile, Embaixador Mariano Fernández Amunátegui, senhor Presidente do Comitê de Representantes, senhores Representantes Permanentes, senhores Subsecretários, senhores Observadores, senhoras e senhores.

É uma honra dirigir-me ao Chanceler da República do Chile, Embaixador Mariano Fernández, que, no âmbito de sua visita a trabalho, teve a gentileza de visitar nossa Sede.

Esta Casa, a Casa da Integração Latino-Americana, guarda uma profunda gratidão para com a República do Chile, pelo respaldo permanente dado para o cumprimento de seu mandato, manifestado nas visitas de todos seus presidentes, desde a recuperação de sua democracia, bem como na visita dos máximos responsáveis pela condução de sua política exterior, seus chanceleres.

Sua visita, Excelência, é particularmente importante para a Associação, pois o senhor é um homem plenamente alinhado com o processo de integração regional. Em várias oportunidades manifestou que a prioridade política chilena é a América Latina; e que o Chile deve insistir no processo de integração latino-americano. A mensagem que nos deixará nesta manhã constituirá um importante estímulo às tarefas de implementação das Resoluções aprovadas pelo Décimo Quinto Conselho de Ministros, que estamos trabalhando para implementar.

O Governo de seu país teve um importante papel no desempenho de nossa organização no decorrer dos anos, em vários campos, dentre os quais destaco nesta oportunidade: seu fortalecimento e a inovação de sua agenda, o tratamento dos temas jurídicos, bem como a promoção da articulação produtiva entre operadores de vários países da região.

Neste sentido, gostaria de recordar o importante papel desempenhado pelo seu país no processo de adesão de Cuba à Associação; no desenvolvimento da Dimensão Jurídica da Integração, no qual nosso preclaro Raimundo Barros realizou grandes contribuições com as intervenções que fazia aqui neste Fórum. O interesse de vários de seus representantes na incorporação à agenda da Associação de temas derivados das profundas mudanças no mundo, como o das Tecnologias da Informação e as Comunicações, que hoje tomaram corpo em programas de desenvolvimento informático, especialmente no que se refere a Certificados de Origem Digital, poupará tempo nas transações comerciais e potencializará as seguranças das mesmas.

No campo dos acordos, gostaria de expressar que o Chile foi pioneiro na assinatura dos acordos de livre comércio, e, quando se analisam as preferências outorgadas e recebidas, é o país outorgante que nesta data mostra uma maior porcentagem em média de itens.

O comércio com os parceiros da ALADI superou, em 2008, 30 bilhões de dólares, representando um dos mais importantes intercâmbios na região.

No período 1985-2008, o intercâmbio com a região foi crescente e dinâmico. É importante destacar também o significado do Chile no comércio intra-regional, sendo, por sua magnitude, o terceiro mercado para as vendas intra-regionais, somente atrás do Brasil e da Argentina. Cabe assinalar, ainda, que o Chile é o quarto provedor regional.

Quero destacar, finalmente, o importante papel desempenhado pelo Chile no processo de articulação de interesses empresariais e na complementação econômica com os demais países da Associação. Foi feita uma aposta significativa na região, de um total de 47,4 bilhões de dólares investidos pelo Chile no mundo, 38 bilhões estão na região. Esse é o compromisso que sentimos com a América Latina.

Muito obrigado, Chanceler.

PRESIDENTE. Somente algumas palavras para explicar que o Secretário-Geral Hugo Saguier-Caballero está doente, em Assunção. Não é nada grave, tem uma alergia e está internado, já que não é a primeira vez que tem uma crise de alergia e, por isso, não está aqui.

Passo a palavra ao Chanceler, com muita honra.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO CHILE (Mariano Fernández Amunátegui). Senhor Presidente, muito obrigado. Senhores Embaixadores, senhores Secretários, senhoras e senhores, agradeço sinceramente a recepção. Estava lembrando que esta não é a minha primeira vez aqui na ALADI, penso que em 1998, há dez anos, quando era Subsecretário, também falei aqui no Conselho. O que não me lembro é como foi o resultado da reunião.

Começarei com as palavras de Oscar Quina, no sentido de que, para o Chile, a América Latina é a prioridade; isto é evidente, não deveria ser de outra maneira. Muitas vezes, acontece que, nos discursos, extrapolam-se elementos, e parece que as coisas não foram da maneira evidente que deveriam ser. No entanto, em matérias comerciais e econômicas, obviamente que o desempenho dos países se presta para abrir dúvidas. Eu quero assinalar, partindo deste elemento de cifras, mencionado pelo Subsecretário Oscar Quina, que lembro muito nitidamente a situação do comércio exterior do Chile há 50 anos.

Há 50 anos, em estatísticas exatas, as exportações chilenas que iam para Europa correspondiam a 50% - quando recém criada a Comunidade Europeia, recém assinados os tratados de Roma-, 40% aos Estados Unidos e 10% ao resto do mundo, incluindo a América Latina.

Nessa época, 85% do que o Chile exportava era cobre. Hoje em dia, essa situação mudou de maneira extraordinária, porque temos um terço maior de exportações à Ásia, um terço menor à Europa e depois 20% à América do Norte e 20% à América Latina. Isto, naturalmente, pelas variações a cada ano.

O interessante é que, no caso da América Latina, a produção com maior valor agregado do Chile vai integralmente aos mercados latino-americanos. De tal maneira que o tema da prioridade, é uma prioridade de desenvolvimento quantitativo. Como se vê, houve uma mudança, como assinalo, há 50 anos, e, sobretudo, uma prioridade de mudança qualitativa e a importância qualitativa para o Chile pelo mercado que a América Latina significa para nossa produção.

Independentemente, além disso, temos um conjunto de acordos que se transformaram praticamente em acordos de livre comércio. Estava olhando as cifras, estes 3 bilhões e tantos de intercâmbio, em um comércio total que o Chile tem, falando de cifras de 2008, de 125 bilhões de dólares, significa que quase um quarto do comércio exterior do Chile está vinculado à América Latina. Isso me parece interessante. Porque esse conjunto da América Latina supera de maneira significativa o primeiro parceiro comercial, que em 2008 foi a China. Mas não chegou a mais de 16 bilhões de dólares, perdão, em 2007 foi a China, e voltou a recuperar os Estados Unidos em 2008, o primeiro parceiro comercial individual; mas o comércio com a América Latina quase duplica em relação ao primeiro parceiro comercial do Chile, seja a China ou os Estados Unidos.

Também é interessante o assinalado por Osca Quina, que, dos 47 bilhões de dólares que há de investimentos chilenos no exterior, 80% está na América Latina. E aqui farei uma reflexão completamente fora de quadro, mas que pode nos servir para pensar de uma maneira, não sei se chamá-la de positiva, mas dirigida ao futuro.

Este continente, particularmente o continente dos países de América Latina, e falo da ALADI, mais os que não são da ALADI e são latino-americanos, digamos do Rio Grande ao Sul, teve três características muito fundamentais que atentaram a sua integração, e o digo na Associação Latino-Americana de Integração. Lembro-me que, na década de 80, mudou seu nome, de ALALC, que era simplesmente livre comércio, e acrescentou-se a ideia de integração, e que estão desaparecendo estes obstáculos, que eu marcaria em três pontos: um, fronteiras; dois, caudilhismo; e três, comércio.

As fronteiras na queda do império espanhol eram completamente difusas, aos Bourbons pouco importava se entre um Vice-Reinado e outro a fronteira passava por um rio, por uma montanha ou por qualquer lugar. De tal maneira que, no momento da independência, muitas fronteiras foram imprecisas e houve até guerra, isto é, várias guerras na América Latina, e recém este assunto se estabilizou, no final do século XIX e, sobretudo, na metade do século XX. Este fenômeno das fronteiras difusas já começou a gerar um problema nas nacionalidades e, se a isso acrescentamos que depois do período da independência o continente se compôs de maneira muito importante com bastantes líderes, com características de caudilho ou que tivemos em vários lugares sucessivas implantações de golpes militares etc., o tema da fronteira foi utilizado permanentemente para gerar coesão interna para controlar melhor as realidades nacionais.

E por último, para acrescentar complexidade à ideia de integração: o comércio. Sendo – até o dia de hoje - um continente produtor principalmente de matérias-primas, e de uso intensivo de recursos naturais, a maioria destes nunca tiveram mercados no próprio continente, falando de qualquer um, do cobre chileno, mas também do estanho ou zinco da Bolívia, ou do borracha do Brasil, ou, enfim, inclusive produtos de pecuária dos países do Atlântico Sul. Os mercados estavam em Londres, Estados Unidos, em outros lugares da Europa, depois o Japão, etc., e, portanto, também não havia um sentido de interdependência, porque não havia comércio mútuo.

Um quarto fator, que não menciono como histórico, mas que emergiu posteriormente, tem a ver com o desenvolvimento econômico e dos investimentos. Se, nesta mesma reunião na ALADI há 20 anos queríamos falar de investimentos estrangeiros, sabíamos que estávamos falando dos Estados Unidos, Inglaterra, provavelmente Japão e Alemanha. Esse panorama foi se modificando e dando à América Latina de hoje uma perspectiva bastante interessante; os problemas de fronteira praticamente desapareceram. Temos sempre algo, mas a perspectiva de uma guerra... o último conflito aberto, se todos se lembram, foi em 95,

na Cordilheira do Cóndor, e ficou muito bem resolvido, com participação ativa latino-americana como países garantes.

Se olharmos o caudilhismo, é claro que há dificuldades e problemas em alguma parte, mas temos há bastante tempo já uma situação de democracia bastante mais estabilizada na América Latina, e a crise de Honduras está confirmando a solidez disto, porque o repúdio unânime que houve pelo golpe de estado militar é sem fissuras, e isto, provavelmente, não havia ocorrido nunca. Havia ocorrido no Haiti há uns anos, mas em condições completamente diferentes. Hoje em dia, do Canadá ao Chile -por assim dizer - do norte ao sul do continente, incluídas as Nações Unidas, a União Europeia, não houve espaço algum para justificar o golpe de Estado. Independentemente da opinião que se tenha sobre o Presidente que sai, seja muito amigo, pouco amigo, adversário ou simpatizante, isto é uma mudança qualitativa, também muito positiva na América Latina. Comentaram-me, cedo pela manhã, que, ao que parece, estão se abrindo alguns caminhos para resolver a crise em um período relativamente breve... Veremos o que acontece.

No comércio, então, temos a situação referente ao Chile, mas que também tem relação com vários dos países aqui presentes. O comércio intra-regional existe hoje de maneira muito mais dinâmica, e de maneira muito mais importante do que o que víamos há alguns anos, de tal maneira que estes obstáculos ao processo de integração, bem estruturais, desapareceram, ou desapareceram bastante e, hoje em dia, há uma perspectiva, há elementos disponíveis para enfatizar a integração que nós consideramos extraordinariamente positivos.

Se acrescentarmos o último fator que mencionamos, referente aos investimentos, claro, é certo, meu país teve um papel bastante precursor de investimento na região, e já há aqui 38 bilhões investidos em países latino-americanos. Mas hoje em dia vemos os investimentos brasileiros em diferentes partes, os argentinos, colombianos, peruanos, circulando por todo o Continente, isso gerou um sentido de interdependência que nós não tínhamos. Temos regimes comuns, temos um crescente comércio internacional, temos investimentos mútuos, de tal maneira que há bases na América Latina, como nunca antes, para avançar para um processo de integração de maior dimensão.

Parece-me que esse é um cenário interessante, e se agora vemos a crise que estamos vivendo hoje em dia, esta crise econômica, vamos encontrar dois elementos. Em primeiro lugar, a América Latina está em melhores condições do que nunca para uma crise como essa. Houve crises anteriores que nos encontraram em péssimas condições. Se lembrarmos bem, a última crise asiática, uma crise russo-asiática dos anos 80, dos anos 90, bastante complexa, se ocorresse hoje em dia, a América Latina estaria em melhores condições de encará-la. Reconheço que o Chile esteve em ótimas condições, a Presidenta de nosso país e seu Ministro da Fazenda, a partir do momento da crise, encontraram uma popularidade e um apoio muito notável. Uma pesquisa publicada, anteontem, a mais séria do país, de um organismo bastante independente e muito opositor pelo demais, outorgou o apoio de 74% para a Presidenta e 65% para o Governo, o que é algo bastante insólito, como os senhores conhecem, pela acidez da opinião pública a respeito dos governos, dos partidos políticos e do sistema público.

Estamos em boas condições, estamos todos bem, em condições de nos manter. Estamos afetados porque o Chile é um país muito exportador, se somarmos exportações e importações, o comércio exterior do Chile equivale praticamente a 85% de seu produto, e, portanto, estas modificações ou esta situação de queda de mercado nos afeta, mas tivemos, e aí a popularidade da Presidenta, no período de bonança, um método de poupança bastante sério, que nos permite hoje tomar medidas de caráter geral de apoio

aos mais fracos, ou para evitar sua queda ao desemprego ou para reforçar os orçamentos familiares, com o objetivo de que as diminuições de ingresso não afetem significativamente os mais pobres, esse é o quadro.

Aqui há um tema que enfatizamos neste momento de crise internacional, no qual nós estamos trabalhando, com vários países-membros da ALADI. Em duas ou três linhas, uma que é contra-cíclica, do ponto de vista do comércio, que nós seguimos neste período, acelerando as negociações de acordo do livre comércio, porque nos parece que é o sinal mais claro para enfrentar isto, e não cair em uma situação fácil protecionista que pode levar a uma catástrofe internacional. Em 14 de julho vamos assinar em Santiago um acordo de livre comércio com a Turquia, e alguém pode se perguntar: “Por que a Turquia, quando já temos acordos com 60 países que representam uma porcentagem muito alta na economia mundial?” Bem, primeiro, para dar um sinal político e, segundo, porque é um mercado de 90 milhões de habitantes extremamente interessante. É um país que está prestes a entrar na União Europeia ou que pode entrar em breve e que, de um ponto de vista estritamente visto econômico, é bastante complementar com a economia do Chile. Estamos dando este sinal e forçando a máquina em uma negociação com a Malásia, abrindo uma com a Tailândia, com o objetivo de que no período da crise econômica demos sinais de que o comércio continua sendo um tema fundamental, e será fundamental para sair da crise econômica, quais sejam os desenvolvimentos próximos.

Estamos também trabalhando fortemente, com a América Latina ou com os países dos quais somos parceiros comerciais, que nossa linguagem é “não nos incomoda estar em déficit comercial”. Em média, o Chile tem um déficit comercial com a América Latina, vende 12 bilhões de dólares –se vou às cifras do ano passado que são completas- e compra 18 bilhões de dólares. Para nós não importa ter um déficit, que é significativo, o que nos importa é que o comércio não pare de se expandir, que não entremos em paralisia, que não diminuamos o dinamismo dos esforços comerciais, isso vale principalmente para o continente.

Com os parceiros que causaram a crise, digamos, Estados Unidos, com a economia poderosa, nossa linguagem é “por favor, não caiam em mais protecionismo do que já têm, que já é bastante”. Se algum dos senhores se lembra dos anos 70, os países desenvolvidos nos disseram, chamavam a atenção no GATT, de que nós deveríamos reformar a economia e abri-la ao comércio internacional, e que eles tinham todo o poder necessário para comprar tudo o que produzíssemos.

Bem, a maioria dos países o fez, mas resulta que eles continuaram mantendo o protecionismo, em alguns casos o abriram, em outros o sofisticaram, mas não é tão fácil o comércio com alguns países muito importantes e, por isso, com os acordos de livre comércio, evadimos um conjunto de obstáculos, mas esperamos que eles não insistam no comércio, no protecionismo, seja pela vida, seja aberto, tarifário, como pelo protecionismo um pouco mais descoberto que são as medidas para-tarifárias.

Neste momento, são vários países, incluindo o Chile, o Brasil - me parece-, e o Uruguai que estão participando disto, estamos em um embate forte contra os Estados Unidos, pela questão dos 6,5 bilhões de dólares do subsídio ao “licor negro”, derivado da celulosa, que, sendo um apoio à proteção do meio ambiente, converteu-se em um subsídio direto para a tonelada de celulosa, cujo preço, com este subsídio de produção, reduz-se à metade, e, portanto, deixa-nos fora de concorrência com os países produtores que não têm subsídio.

Estamos nisto, e, felizmente, já sabemos que no senado norte-americano foi apresentado um projeto de lei. Para modificá-lo, estamos fortemente em cima, porque nos

parece que se não atendemos estas tendências de maneira radical e importante, vamos nos encontrar com uma crise na América Latina e em outros países de desenvolvimento intermediário ou de subdesenvolvimento muito severa, porque os países grandes organizando sistemas protecionistas estão em condições de subsistir perfeitamente.

São nossos países que sofrerão isso de maneira muito radical, e, sobretudo, fizemos gestões e discutimos, estivemos visitando há poucos dias a França, a Holanda, também os Estados Unidos, para reunir-nos com os Chefes de Estado, para evitar também, como se chamaria ou se chamou, o neoprotecionismo, que é financeiro e que, basicamente, são recomendações dos governos para os bancos, que foram os que participaram destas contribuições fiscais aos bancos, onde, junto com a contribuição, veio uma recomendação de outorgar créditos no país de origem ou nos países do entorno mais direto, deixando fluxos creditícios aos setores como a América Latina, e isso é uma grave dificuldade. Também estamos nos empenhando com isto, eu conto aqui também para que nos somemos, porque é muito importante ter uma só voz, ter uma só opinião e lutar frente a estas coisas, como trabalhamos neste momento de crise em todos esses setores, e nos importa principalmente que seja mantida a expansão do comércio, que o fluxo de investimentos seja o mais claro possível, desprovido destes subterfúgios -por assim dizer- neoprotecionistas, e esperamos ter certo êxito, porque a conjuntura está bastante difícil.

Um último ponto, pedimos -vários países o fizeram, participamos em conjunto- que se capitalizem os organismos de financiamento regional, com o objetivo de que possam promover liquidez para os países mais afetados de nosso Continente. Alguns membros da ALADI estão afetados, mas provavelmente os mais afetados são os da América Central, porque as quedas das remessas de uma fonte de ingresso muito alta foi dramática, e também pela queda da demanda de mercado, tudo isto que se chama a indústria da "maquila", não? Têxteis, máquinas de ferramentas, também estão passando por um momento extremadamente difícil, e aí estamos trabalhando para que o nosso caso, a primeira entidade do Banco Interamericano de Desenvolvimento, mas também a Corporação Andina de Fomento possam receber recursos, com o objetivo de que, nos próximos meses, estes países possam, e também os nossos, enfrentar de melhor maneira o que está vindo, porque muitos efeitos da crise são retardados, não aparecendo imediatamente, mas que estão chegando lentamente às diferentes fronteiras dos países-membros da ALADI.

Isso foi essa contenção, nossa participação na crise econômica. Esperamos que, com isto, contribuamos de alguma maneira para sair dela ou, pelo menos, manter-nos em um nível de flutuação devidamente adequado. Agora, com este quadro também, e com isto termino, para algum comentário, alguma pergunta. É evidente que os avanços que há entre nós, por exemplo, nós somos membros associados do MERCOSUL, os acordos bilaterais que temos são interessantes, e penso que progredimos muito. No entanto, temos um mundo aberto pela frente. Ainda temos que aperfeiçoar enormemente diferentes processos que conduzam a uma melhor integração, que tem a ver diretamente com os temas comerciais e econômicos, mas que têm relação também com os temas de infra-estrutura, com os assuntos sociais, com os processos de instrução das pessoas para que os avanços que temos na América Latina nos permitam trabalhar de melhor maneira a desigualdade que temos em nossas sociedades, a falta de oportunidade das pessoas.

Mencionarei algumas que me parecem de interesse e nas quais estamos trabalhando, quando se diz "aqui há perspectivas interessantes". Um trabalho importante que estamos fazendo é com a Bolívia e com o Brasil, em um corredor bioceânico, que começa no Brasil, na costa, no Porto de Santos, mas que sua fronteira de limite é Corumbay, passa por toda a Bolívia para terminar no Puerto de Arica. A ideia é inaugurá-lo na segunda metade do ano,

em algum momento, em alguma cidade boliviana, estamos nos colocando de acordo com os governos.

O sinal que queremos dar é que em um continente do tamanho da América do Sul - neste caso- com todo o potencial existente, estamos, não digo isolados, mas bastante dificultados em matéria de infra-estrutura de conexão, porque corredores bioceânicos, não somente vemos nas rodovias. A ideia é de alcançarmos, a partir do momento em que o declararmos como corredor bioceânico, construir em seu entorno todos os serviços, a infra-estrutura, de tal maneira que gere um sistema de fluxo de tráfico de veículos, pessoas e mercadorias, sendo um forte dinamismo para a região. Nesse sentido, apesar do clima de crise, quando se tem tantas coisas para fazer, sempre há uma perspectiva otimista, porque a geração de um corredor deste tipo abre novos caminhos.

Uma segunda obra que menciono, que me parece muito interessante, porque é uma obra que está baseada em financiamento privado, única e exclusivamente, sem financiamento do Estado, é um túnel ferroviário proposto por um consórcio de empresas chilenas, argentinas e brasileiras para atravessar a Cordilheira dos Andes, no centro, entre Mendoza e Valparaíso. Penso ser um túnel de uns 36 km ferroviários, e estamos trabalhando para poder gerar algo assim como uma entidade binacional que permita a gestão adequada do túnel. Essa obra de infra-estrutura, parece-me, está apoiando os Governos do Chile, da Argentina e do Brasil. Tanto estamos apoiando o Governo brasileiro que será uma das apresentações que teremos em 30 de julho, em um encontro empresarial chileno-brasileiro em São Paulo, encabeçado pela Presidenta Bachelet e pelo Presidente Lula. Esses tipos de sinais são, em nossa opinião, de extraordinária importância. Se usarmos um pouquinho de imaginação, imaginamos tudo o que podemos fazer simplesmente em infra-estrutura, conhecendo também os acordos IIRSA e todas estas coisas, bem... O futuro do Continente, não digo que esteja assegurado, mas tem, no entanto, enormes perspectivas, porque esses são desenvolvimentos, com investimentos que mobilizam rapidamente as pessoas, o comércio, os veículos, enfim, de tudo, as tendências, a maneira de fazer as coisas, um conjunto de atividades que fazem extraordinariamente bem à ALADI e ao Continente em geral.

Então... o que citarei serão umas palavras da Presidenta Bachelet, de julho do ano passado: “não existe uma disjuntiva entre avançar em uma agenda econômico-comercial e avançar na agenda social”, ou seja, tudo isto é compatível. Não é uma opção a favor de uma coisa ou da outra. Então parece que nós temos uma grande tarefa por diante e que estamos bem encaminhados, mas não devemos cessar os avanços; e a ALADI tem um papel.

Muitas vezes, vi, internacionalmente, que a ALADI ofereceu -por assim dizer- o guarda-chuva a todo um processo de integração latino-americana, e que, se não existisse esta Instituição, teríamos muitas dificuldades a mais para avançar nos acordos que tivemos no Continente. Penso também que tem um potencial alto para seguir sendo reitor para avançar nos temas novos.

Entendo que trabalhamos em coisas como compras governamentais, em tecnologia da informação; parece-me bem que agora há um acordo para certificar a origem mediante um sistema digital. Bem, em todas estas coisas não se deve ter inibições, deve-se trabalhar, propô-las e avançar, porque o dinamismo que pode emergir destas novas ideias e destes novos projetos é notável. Há uma proposta paraguaia agora, de vender eletricidade ao Chile, mediante um swap passando pela Argentina; eu não sei quais dificuldades técnicas possam existir, mas a ideia é genial, a ideia é criativa, não deve ser limitada de nenhuma maneira.

Nós mesmos fazemos parte de sessões sobre energia, que será um tema capital, e instalamos duas plantas de LNG, e já chegou o primeiro barco ao Puerto de Quinteros e, portanto, acabaram nossas “estreitezas” de abastecimento energético, produto sobre o qual nós, às vezes, não tomamos as decisões com toda a clareza que devem ser tomadas. Mas essa planta de LNG, hoje em Quinteros, conforme dizem as empresas que estão encarregadas, em um ano, isto é, desde esta data a julho de 2010, estará em condições de prover, - por exemplo, pelos mesmos *pipeline*, de que vinha o gás da Argentina, que agora está escasso -, gás para a Argentina, até os lugares que foram a origem do fornecimento de gás. Podem passar a ser agora lugares de destino de fornecimento de gás, proveniente da Planta de LNG de Quinteros e no Norte, ou mesmo para outras zonas.

Então há uma vivacidade que penso que deve ser acompanhada pela ALADI. Eu sei que estão avançando, mas, neste sentido, convida-se, convoca-se, a não perder a criatividade de ir, inclusive, vendo o que acontecerá no futuro, por exemplo, com o tema do corredor bioceânico; há dezenas de corredores oceânicos possíveis na América do Sul, não? De norte a sul, de leste a oeste, por qualquer lado, com objetivos bioceânicos, ou com objetivos simplesmente de mercado interno. Vamos necessitar, além dos acordos bilaterais, rapidamente, não digo uma legislação, mas algo como um marco geral para facilitar isto que tem relação com a homologação de sistemas de transporte, que tem relação com a harmonização de disposições, com a harmonização de regulamentos, etc., então esses são assuntos que têm uma grande importância, que às vezes não se vê à primeira vista, mas que são facilitadores fundamentais do futuro econômico, político e social da América Latina, e não quis referir-me a coisas que os senhores conhecem muito bem, que conduzem muito bem e que eu estaria simplesmente as repetindo. Então, se não mencionei algumas questões é para não aborrecê-los, pois vivem neste tipo de discussões.

Agradeço muito pelo tempo, estou feliz em estar aqui. Estimulo-os a que, onde possam, apóiem-nos nestes trabalhos. O Chile está e continuará sendo, ou tentará continuar sendo, ativo na ALADI. Muito obrigado pela atenção, e se houver alguma consulta, pergunta, comentário, estou à disposição. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, senhor Chanceler.

O senhor tem toda a razão, temos realmente um mundo aberto pela frente, e penso que a ALADI, como o senhor mesmo disse, pode ser muito instrumental para isso. É questão de ter imaginação, criatividade, como o senhor disse. O senhor mencionou muitas áreas nas quais poderíamos aplicar nossa imaginação: a parte de infra-estrutura, o corredor bioceânico, a parte de comércio, os investimentos existentes, a parte financeira. Na ALADI, na parte financeira, tivemos um seminário, há pouco tempo, sobre o Convênio de Créditos e Pagamentos Recíprocos, falamos pela primeira vez na ALADI sobre a utilização de moedas locais e se começou a pensar, talvez, em um esquema regional de uso de moedas locais para o comércio, é como se diz, e muito bem, quanto mais imaginação tivermos – como o senhor disse - vamos saber proteger-nos melhor das crises; e esta última crise nos mostrou que, pelo fato de justamente termos uma atitude mais introspectiva regional, estamos mais bem protegidos desta crise. Quanto mais estivermos sob nossos modelos, com nossos modelos econômicos de desenvolvimento, mais próximos uns dos outros, melhor estaremos protegidos em relação às crises ou às circunstâncias exógenas da região.

Bem, o Chanceler ofereceu a palavra, caso alguém queria fazer alguma pergunta ou algum comentário.

Chanceler, acredito que sua exposição foi completíssima e agradeço muito em nome de todos meus colegas daqui. Sei que o senhor tem um encontro às doze horas, e pelo procedimento da Secretaria, pediríamos que o senhor assinasse o Livro de Visitas Ilustres.

- O Chanceler assina o Livro de Visitas Ilustres.

Muito obrigado, senhor Chanceler.

Entregaremos no Comitê a medalha recordativa da ALADI. Teríamos gostado que o senhor trouxesse a medalha recordativa da Associação de Sommelier do Chile, que, por seu curriculum, vejo que o senhor é membro honorário da Associação, e o admiramos muito por isso. O vinho chileno, realmente, é algo que apreciamos muito.

- Realiza-se a entrega da medalha recordativa.

Convidamos os senhores Representantes para o registro da foto de praxe. Encerra-se a sessão extraordinária.
